

O atendimento educacional de sujeitos com diagnóstico de autismo: um estudo sobre linguagem, enunciação e prática docente

**Sibylla Jockymann do Canto, Valdir do Nascimento Flores (orient.),
Carmem Luci da Costa e Silva (co-orient)**

No Brasil, são recentes os estudos sobre as crianças com Autismo e escassos são os que abordam os aspectos específicos da linguagem. A teoria proposta por Émile Benveniste nos permite pensar sobre a língua e sintoma de um lugar único, uma vez que ele vê a linguagem pelo seu valor constitutivo, sendo impossível estabelecer oposição entre ela e o homem. Assumimos com Benveniste (1970) e, com os deslocamentos do quadro teórico para a clínica de linguagem propostos por Surreaux (2006), que cada sujeito apropria-se de forma muito singular da língua. Frente a crescente demanda escolar apresentada por crianças e adolescentes com Autismo, é fundamental fugir de respostas simplificadoras. O questionamento sobre o que é o aprender, o educar, o compreender, o olhar mais além dependem do diálogo, que deve ser estabelecido no sentido de abertura ao outro, apostando na produtividade de se expor e assumir uma postura reflexiva. Trata-se de oferecer visibilidade às diferenças e, quem sabe, criar redes de inteligibilidade entre elas. Diante da caminhada apresentada nesse trabalho, não só na revisão teórica como também na análise de práticas em sala de aula com sujeitos com diagnóstico de Autismo, percebemos que a teoria da enunciação permite um diálogo frutífero entre a clínica da linguagem e as possibilidades educacionais que abordam essa temática. Através da teoria enunciativa, podemos pensar numa abordagem como essa, onde mais que descrever características ou classificar este ou aquele sintoma, pode-se refletir sobre os sujeitos, mediante a promoção da educação primordial: favorecendo a inscrição delas como sujeitos de sua fala e respeitando cada particularidade de seu aprendizado.